

O ENSINO DE DESENHO E O DESENVOLVIMENTO EXPRESSIVO NA FORMAÇÃO INICIAL DO ARQUITETO

Márcio Santos Lima (IFS)¹
José Wlamir Barreto Soares (IFS)²
Érick Oliveira Andrade (IFS)³
Luiza Gabrielle Santos de Jesus (IFS)⁴
Luciano Ferreira Salgado (IFS)⁵

RESUMO

Na produção de projetos arquitetônicos, a manualidade se apresenta como fator preponderante no desenvolvimento projetual e como meio primevo de conhecimento, expressão e comunicação profissional. Pretende-se com este trabalho, excerto de pesquisa Pibic CNPq realizada no Instituto Federal de Sergipe (IFS), campus Lagarto, com estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo, ampliar a investigação sobre os processos desenhísticos e de que maneira estes são relevantes para o seu desenvolvimento artístico e criativo, observando caminhos, meios, técnicas, preferências plásticas e soluções pictóricas e espaciais escolhidas, o que pode evidenciar uma linha de progresso gráfico que perpassa pelos mais diversos modos de Desenho, a exemplo do croqui, do bosquejo, do traço, do esboço até chegar ao projeto final.

PALAVRAS-CHAVE

Desenho. Croquis. Arquitetura. Ensino de desenho. Arte/educação

Introdução

A pesquisa Pibic CNPq, em fase de conclusão, sob título “Do croqui ao projeto”, realizada no Instituto Federal de Sergipe, no curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, oferece as bases para este trabalho que procura investigar o papel do desenvolvimento da habilidade representativa do Desenho na formação crítica, criativa e identitária do futuro arquiteto. Atividades manuais como o desenho têm um valor subestimado no pensamento coletivo atual devido ao avanço e domínio das tecnologias digitais, especificamente, no campo da arquitetura. Surgem, corriqueiramente, perguntas como: o arquiteto precisa saber desenhar à mão ou basta dominar os CADs (Computer Aided Design)? Para cursar Arquitetura é necessário saber desenhar? Qual a relevância dos croquis e esboços para o arquiteto moderno?

Estas indagações estão presentes no imaginário coletivo, devido à facilidade encontrada no uso das tecnologias digitais, já interiorizadas no campo da arquitetura. Porém, como afirma Fernandez:

“A rapidez da resposta, o rigor da grafia, o automatismo que [o CAD] permite não substituirão, contudo, os contributos decorrentes da abordagem lenta, artesanal, trabalhada, que o desenho manual confere”. (FERNANDEZ, 2018, p.41).

Neste sentido, a atual pesquisa procura valorizar o desenho feito à mão, seja livre ou instrumentalizada, como forma de pensar o projeto antes mesmo deste ser produzido via CAD. Para isso, importa aprofundar um pouco mais o campo do Desenho, que longe de ser um simples gesto sobre um papel, tem seu conceito alargado na vida laboral humana, como meio de expressão, pensamento e comunicação de qualquer trabalhador.

Apesar de acompanhar o ser humano desde os primórdios da pré-história, quando ainda detinha uma função tríplice de sinal, figuração e ato mágico, desenho como vocábulo, com o sentido de projeto, desígnio, ideia e estudo, surgiu apenas no período renascentista, quando “o desenho ganha cidadania”, segundo Vilanova Artigas (1975, p. 9).

Desenhar vem do italiano “disegnare”, que deriva do latim “designāre”, no sentido de indicar, designar, planejar, traçar e representar (CUNHA, 1997, p. 254). Assim, pode-se concluir que o termo desenho vai além de uma simples representação gráfico-visual, ele denota formulação de ideia, desígnio, projeto e pensamento (LIMA, 2020).

Está na natureza do Desenho a união entre mente e mão, bem como a potência da produção manual, do artesanal, do artifício, da transformação e da técnica. Para Richard Sennett (2009), em seu livro “O artífice”, o ato de desenhar tem, em sua essência, o auxílio da mão, uma conexão perfeita com o mundo das ideias, uma simbiose com o espírito que faz do desígnio realidade, com o gesto, com o traço, com a linha, com o espaço, com a materialidade e com a imaterialidade.

Este texto não aborda a problematização entre desenho de prancheta e CAD, bem porque, entende-se aqui, que a harmonia entre ambos é de fundamental importância para a valorização do campo desenhístico na Educação. O enfoque desta investigação está no desenvolvimento do ato de desenhar à mão, na criação de uma identidade gráfica do desenhador, ou do futuro arquiteto/artífice, conferindo significados e sentidos ao seu ofício.

Metodologia

A pesquisa realizada no Instituto Federal de Sergipe (IFS), campus Lagarto, procura observar o desenvolvimento do ato desenhístico de estudantes do curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo desde sua fase “inicial” de ingresso, contando com disciplinas que estimulam atividades manuais até o terceiro semestre, quando o enfoque estará nas produções projetuais de maior rigor e precisão técnica do desenho arquitetônico.

Opta-se pela pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritivo-exploratória. Descritiva por abranger as etapas de observação, registro, análise, classificação e interpretação dos dados, e exploratória, por desenvolver-se com o objetivo de proporcionar uma visão adequada da realidade.

A amostragem é probabilística estratificada, e se dá a partir da investigação de três estudantes escolhidos de cada período: 1º, 2º e 3º semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo, totalizando um quantitativo de 9 em um universo de, aproximadamente, 65 alunos (o curso teve início em 2019.2).

Para coleta de dados dos participantes, em meio ao momento difícil e complexo de cuidados contra o contágio da Covid-19, foram aplicados questionários digitais individuais. A fim de garantir o sigilo da fonte, tais questionários não têm identificação do participante.

O desenho de estudantes de arquitetura do IFS

De um universo de, aproximadamente, sessenta estudantes, quarenta e sete (47) foram consultados com o intuito de filtrar os participantes da pesquisa. A estes perguntamos, via Google Formulário, quem já havia cursado alguma disciplina de desenho antes do ingresso ao nível superior. Dezesete responderam que nunca tiveram contato com o ensino de desenho antes de entrar no IFS e trinta em algum momento de sua formação. O maior contato destes foi com o desenho técnico. Vejamos o gráfico 1.

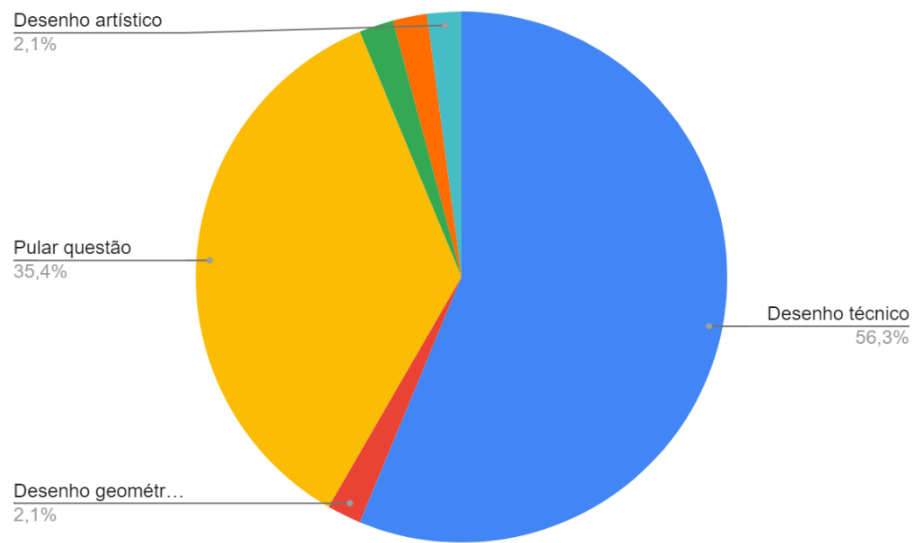


Gráfico 1. Qual tipo de desenho estudou antes do ingresso no curso

Com base nesses dados buscamos entender a auto percepção de estudantes sobre o desenvolvimento do seu desenho. Com isso, partimos investigando a compreensão pessoal de cada um quanto à sua própria expressão desenhística. Primeiro, perguntamos sobre o grau de dificuldade encontrado para desenhar e depois sobre o nível de contentamento em relação ao seu desenho. Vejamos os gráficos 1 e 2.

Você sente dificuldade ao desenhar?

47 respostas

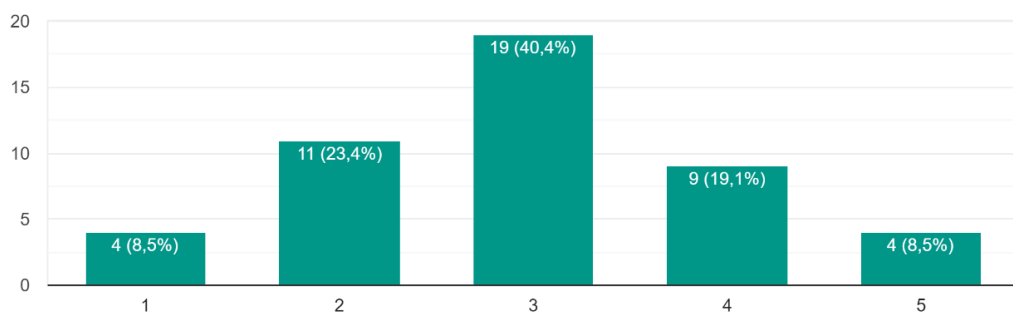


Gráfico 2. Nível de dificuldade ao desenhar

Qual o nível de satisfação que você tem com seus desenhos?

47 respostas

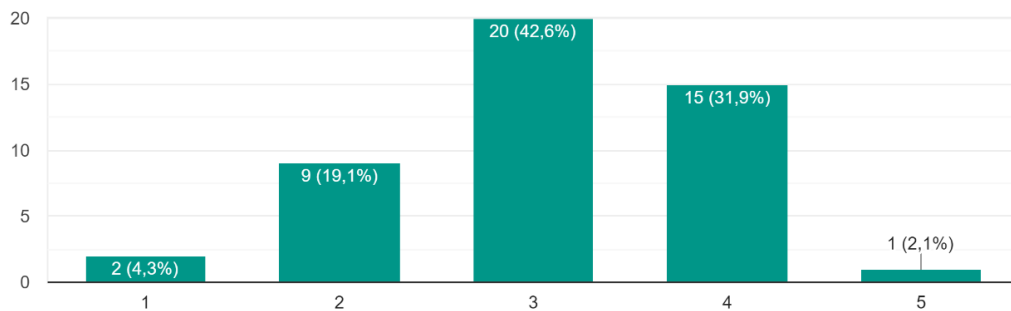


Gráfico 3. Nível de satisfação ao desenhar

Nos gráficos 1 e 2, foram considerados os seguintes níveis: 1 - pouquíssima, 2 - pouca, 3 - média, 4 - muita, e 5 - muitíssima. Com relação à dificuldade em desenhar podemos observar que, dentre os quarenta e sete entrevistados, 4 têm pouquíssima e outros 4 têm muitíssima dificuldade, ou seja, a mesma quantidade para os polos opostos. O restante permeia entre os outros níveis, com destaque para 40,4%, correspondente a dezenove participantes, respondendo a opção média (Gráfico 2).

No gráfico 3, o baixo nível de satisfação ficou em apenas 4,3%, correspondente a 2 estudantes com tal perfil, o que revela uma boa média no contentamento pessoal dos entrevistados quanto à prática pessoal de desenhar.

Esses dados foram importantes para definirmos, para começo de investigação, aqueles que participariam da pesquisa apresentando seus processos de criação através de desenhos. Assim, foram convidados a contribuir com o trabalho estudantes dos diversos níveis, tanto de dificuldade quanto de satisfação, e 7 aceitaram participar. No gráfico 4, podemos observar que a maioria teve aula de desenho técnico antes do ingresso ao curso.

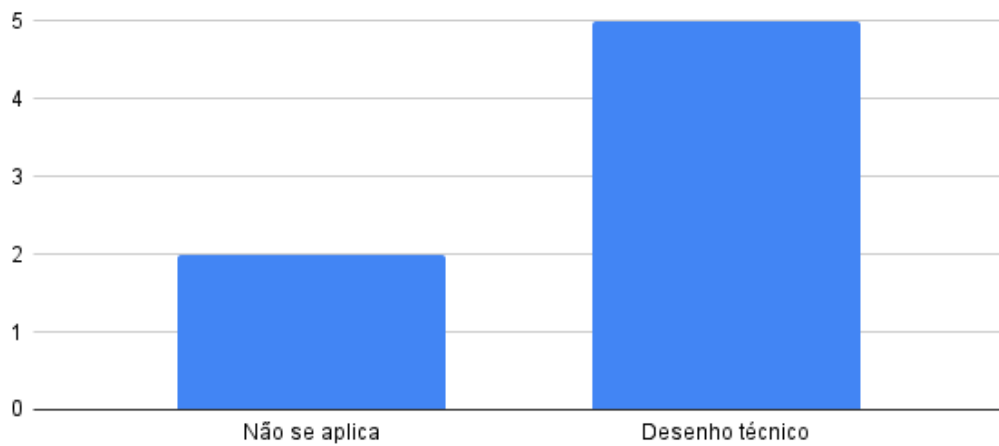


Gráfico 4. Qual tipo de desenho estudou antes do ingresso no curso

Com base nos dados acima, solicitamos aos 7 participantes para registrar cada momento de suas atividades de desenho, visto que, sem aulas presenciais não seria possível o acompanhamento desse processo. Para este resumo expandido, apresentamos alguns desenhos para a discussão.

Ao comparar a Figura 1 com a Figura 2 percebemos que os desenhos desenvolvidos pelo mesmo participante, em momentos diferentes, apresentam características importantes de construção. O primeiro, à mão “livre”, emprega desenvoltura e captação do essencial daquela configuração arquitetônica, já o segundo, com auxílio de esquadros e medidas é mais racional e objetivo, demonstrando uma preocupação com a precisão dos traços e das proporções presentes na paisagem.



Figura 1. Desenho de perspectiva à mão “livre”. Foto: Estudante

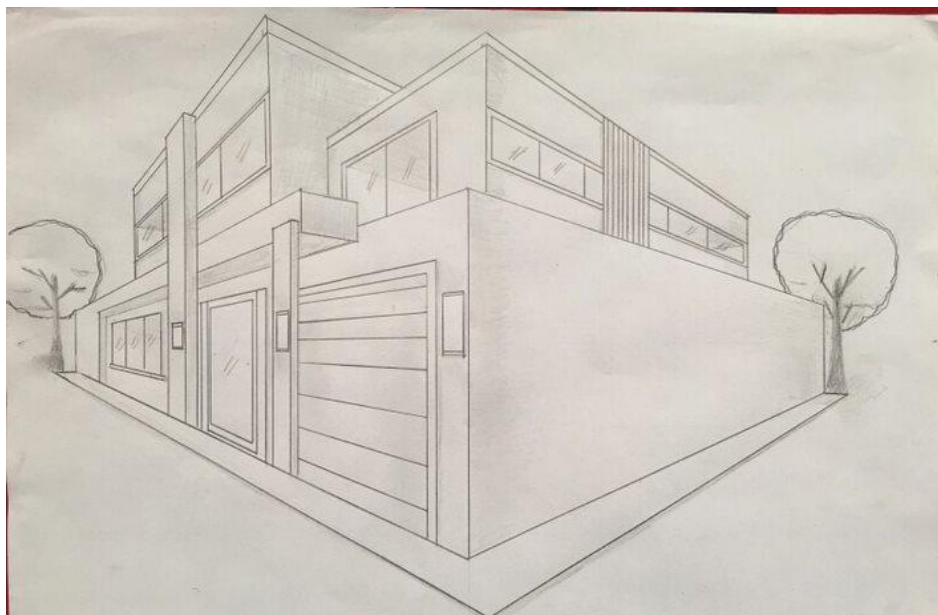


Figura 2. Desenho de perspectiva à mão “instrumentalizada”. Foto: Estudante

Os desenhos produzidos pelos participantes são resultados de atividades acadêmicas propostas por docentes de disciplinas diversas do curso de arquitetura, todas objetivando o desenvolvimento da expressão gráfica a partir do ensino de Desenho como base de sua estrutura pedagógica. A Figura 3 exemplifica muito bem isso, nela é apresentada pelo aluno uma solução gráfico visual para a tarefa de criar um mapa mental de certo período histórico, visto no componente curricular História da Arquitetura e Urbanismo II.

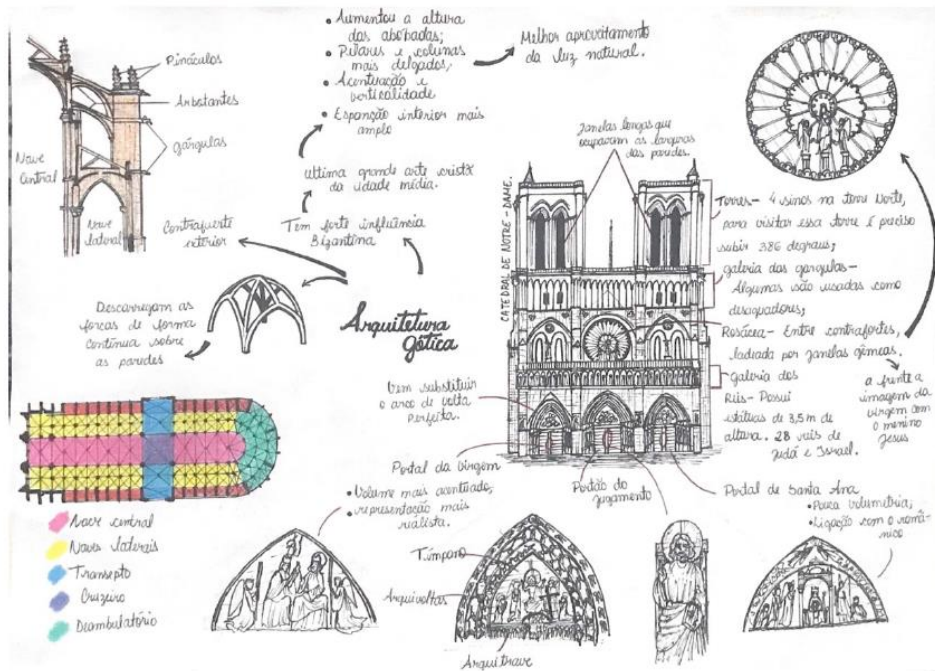


Figura 3. Mapa mental sobre arquitetura gótica. Foto: Estudante

Os desenhos estão presentes em toda a concepção organizacional do assunto ministrado na disciplina. Elementos arquiteturais, ornamentais, estruturais, conceituais e formais, assim como fachadas, planta baixa e anotações relevantes sobre cada detalhe apreendido em aula sobre o período histórico.

Podemos aferir que o desenho faz parte do processo de organização formal e espacial do estudante de arquitetura, o que enriquece e amplia a discussão em torno da relevância do saber-fazer artesanal presente no ato de desenhar à mão livre, de buscar o desenho como linguagem expressiva do desenvolvimento da sua aprendizagem e crescimento pessoal e profissional, mesmo em tempos de expressivo domínio tecnológico digital nos mais variados setores do mundo do trabalho.

A partir da compreensão da importância da expressão gestual e da comunicação, inerentes do desenho manual, para a formação do arquiteto/artífice, é importante promover o debate acerca do desenvolvimento da identidade gráfico-expressiva-visual do estudante de Arquitetura, bem como aprofundar a reflexão sobre o fazer artesanal em época de domínio digital. Na proposta de fazer uma releitura do artista gráfico M. C. Escher, por exemplo (Figura 4), o incentivo à imaginação transcende ao objetivismo de traços construtivos e soltam o gesto do desenhador.

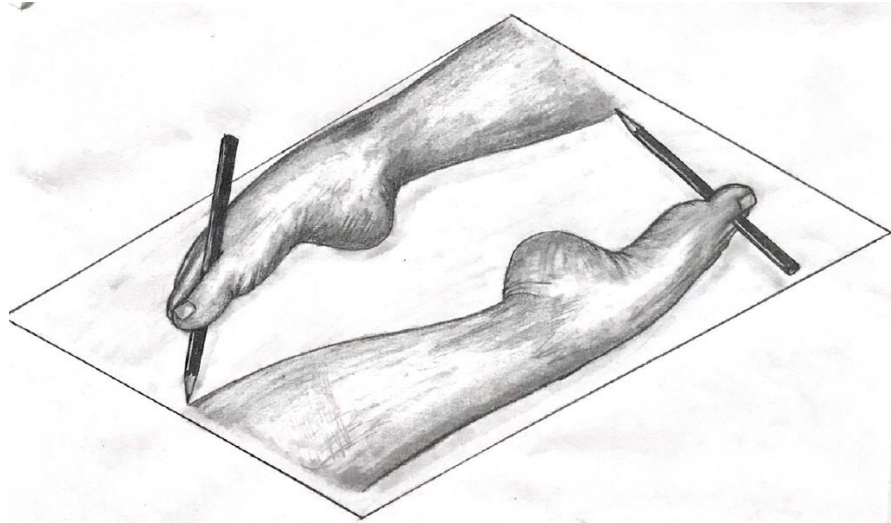


Figura 4. Releitura de M. C. Escher. Foto: Estudante

Considerações

Entendemos que a valorização do trabalho manual, compreendido como uma simbiose entre mente e mão, de características artesanais, é fundamental para dirimir os efeitos nocivos de uma injusta divisão social do trabalho.

É notório que no campo desenhístico há o advento dos *softwares* que, com muito mais precisão e rapidez, dominam o mercado de trabalho nas diversas profissões que se utilizam do desenho. Porém, o enfoque desta investigação está no processo criativo e organizacional dos fluxos imagéticos mentais elaborados pelo estudante de arquitetura e urbanismo, com base em suas reflexões sobre temas diversos, de ordem artesanal ou manual.

O exercício da mão associado à reflexão intelectual objetiva o desenvolvimento de habilidades e de técnicas, conferindo um amadurecimento gestual e uma construção de identidade gráfico-visual.

¹ Doutor em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo – USP e professor do Instituto Federal de Sergipe – IFS, desenho.lima@gmail.com

² Professor Mestre do Instituto Federal de Sergipe – IFS, Wlamir.soares@ifs.edu.br

³ Aluno de graduação e bolsista PIBIC – CNPq do Instituto Federal de Sergipe – IFS, oliveira.erick@outlook.com.

⁴ Aluna de graduação e voluntária PIBIC – CNPq do Instituto Federal de Sergipe – IFS, luizagabrielle365@gmail.com.

⁵ Aluno de graduação e voluntário PIBIC – CNPq do Instituto Federal de Sergipe – IFS, lucianoosallgado@gmail.com.

Referências

ARTIGAS, João Batista Vilanova. O desenho. In: **Sobre desenho**. Aula inaugural pronunciada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 01/03/1967. São Paulo: Centro de Estudos Brasileiros do Grêmio da FAU-USP, 1975.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico**. Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Fernandez, S. (2018). **Desenho e projeto**. Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online), 15(2), 40-49. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v15i2p40-49>

LIMA, Márcio Santos. **Desenhar é preciso?**: O ensino de Desenho como grande área de conhecimento para a formação integral nos Institutos Federais. 2020. Tese (Doutorado). São Paulo: ECA/USP, 2020, 360p.: il.

SENNETT. Richard. **O artífice**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.